
Corpos cuir, território e pertencimento no filme *Vento Seco*.¹

Anna Caroline BOLBA²

(Mestranda da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA)

Angelita BOGADO³

(Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA)

RESUMO

Neste trabalho, discutiremos o filme goiano *Vento Seco* (2020), dirigido por Daniel Nolasco, no intuito de abordar a obra enquanto possibilidade de identidades de corpos plurais, que se expressam não só pela palavra, uma vez que o vivenciar do interior de Goiás traz efeitos nas narrativas cinematográficas ali desenvolvidas. Por meio dos conceitos de corpo cuir e de territorialidade, enquanto forma de pertencimento, vamos acionar os estudos relacionados à sensibilidade analítica dos corpos da cena/em cena (Bogado, Alves Junior e De Souza, 2020). A cena, nesse sentido, é trabalhada na perspectiva de que as experiências estéticas são compostas por corporalidades em conexão com o território vivido/filmado/performado.

PALAVRAS-CHAVE: *Vento Seco*; Daniel Nolasco; Corpos da cena/em cena; Território; Corpo Cuir.

ABRINDO PORTEIRAS

Dirigido por Daniel Nolasco, *Vento Seco* (2020) é um filme que mergulha nas complexidades das relações, nos sentimentos e nas questões de identidades sexuais. O filme acontece na cidade de Catalão, localizada no interior de Goiás, e a história se dá em um cenário árido, com culturas e paisagens típicas de monocultura. A narrativa conta como Sandro, um operário de uma fábrica de fertilizantes, vive uma vida dentro de uma rotina cotidiana de trabalho, explorando sua sexualidade através de encontros casuais às escondidas com seu colega de trabalho Ricardo. O filme também investe na

¹ Trabalho apresentado no GP de Cinema XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação..

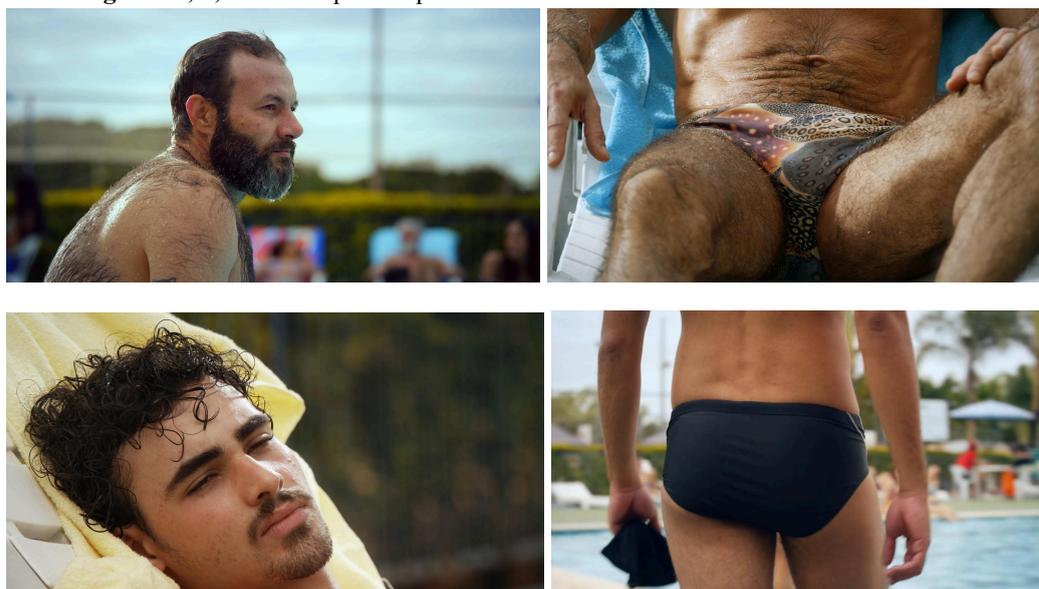
² Mestranda em Comunicação pelo PPGCOM/UFRB, bolsista FAPESB, graduada em psicologia pela UFG, com formação permanente em psicanálise. E-mail: ac.bolba@gmail.com.

³ Professora orientadora. Docente do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do PPGCOM-UFRB. Coordenadora do Grupo de Estudos em Experiência Estética, Comunicação e Artes (GEEECA/UFRB). Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. E-mail: angelitabogado@ufrb.edu.br.

perspectiva do desejo, da solidão, do gozo e das fantasias, mergulhando na vivência de um ambiente onde a liberdade, a emancipação e a expressão de si são constantemente provocadas e atravessadas pelo contexto da cidade de Catalão. *Vento Seco* é o primeiro longa-metragem de ficção do diretor, no qual surge de uma de suas principais motivações - a vontade de apresentar parte da diversidade, da riqueza e as particularidades das distintas vivências e subjetividades - somada a vontade de filmar as paisagens, as festas, os habitantes, os gestos e os hábitos de sua cidade natal.

Logo de início a sequência de abertura do filme nos chama a atenção para a mistura de imagens carregadas de uma densidade de cores ensolaradas, tendo o azul do céu se opondo a um tecido de cor marrom, pesado, gasto pelo tempo e pela terra, até que o título *Vento Seco* (2020) aparece. Grande e em caixa alta, o *lettering* com suas cores vibrantes percorre a paleta entre o azul e o roxo, imprimindo múltiplas tonalidades aos corpos. Um homem pula em uma piscina igualmente azul, quebrando com a densidade do tecido-terra; de cá da tela, quase que de súbito, procuramos na boca um pouco de saliva úmida que as imagens parecem secar. Esse homem mergulha se refrescando e, quando a câmera se aproxima, podemos enxergar um corpo coberto por pelos. O olhar, conduzido pelo corpo da cena, desnuda e vasculha o ambiente e os corpos de outros homens (em cena): olhares, sungas, pelos e bunda ocupam o centro e frontalidade da imagem.

Figuras 1, 2, 3 e 4. Sequência piscina



Filme: *Vento Seco*, Daniel Nolasco, 2020
Catalão, Goiás.

A obra de Daniel Nolasco comparece no Cerrado como um colírio aos olhos afetivos, os personagens de *Vento Seco* se inscrevem pelo desejo, pelos sonhos, pelo toque e também pelo imaginário da cidade de Catalão, localizada no interior de Goiás, onde nasceu o diretor. As primeiras cenas retratam o ambiente no qual o filme arquiteta sua narrativa, em um clima árido e empoeirado, baixíssima umidade e 0% de probabilidade de chuva.

Figura 5. Céu sem nuvens



Filme: *Vento Seco*, Daniel Nolasco, 2020
Catalão, Goiás.

O ponto de vista de quem está dentro e não fora do carro, nos aproxima dos caminhos trilhados pelo personagem principal até chegar ao seu local de trabalho. Com Sandro, escutamos a rádio local que sem demora toca um sertanejo, a paisagem é de terra, caminhão, calor, sequeidão e empresas de monocultura. A essa altura nos perguntamos quais as relações (de afeto e tensão) entre os corpos da cena/em cena e o território de Catalão que o filme costura? Pensar a obra em suas particularidades tem dado espaço às questões quanto aos processos de identificação e representatividade na história de cada corpo ali narrado. Os olhares e a escuta aos corpos localizados em *Vento Seco* são observados a partir das implicações entre identidade/território/estética fílmica.

Quanto ao diretor, desde que iniciou suas produções fílmicas, manteve o diálogo de produção com o estado de Goiás, tratando em suas narrativas histórias goianas e interioranas. Esse jeito de fazer cinema acabou se tornando uma marca relevante e, ao

se estabelecer contra as hegemonias dos centros sudestinos, suas obras voltam-se para o seu estado natal e as peculiaridades das masculinidades possíveis, dentro do legado de uma tradição cuir.

À vista disso, procuramos apreender o olhar sobre os personagens retratados, fundamentando o modo com que o corpo é engajado na obra do diretor, através dos conceitos de corpo cuir e corpos da cena e em cena (Bogado, Souza e Alves Junior, 2020), da concepção de territorialidade como forma de pertencimento (hooks, 2022), e das formas como as imagens acionam uma experiência estética do dissenso (Rancière, 2005).

Corporalidades dissidentes: território e fabulação

Os instrumentos de linguagem que angariam a compartilhar dos afetos e sensações que o filme nos gera está dentro da leitura e vivência dos processos históricos de dissidências e os fenômenos de identificações estéticas, afetivas e sexuais. Abordamos aqui a ideia de que o corpo é quem dá notícia de si, sendo ele esse motor de pulsões, identificações e fantasias, já que, como bem disse Marques, “é revigorante que o cinema de Nolasco seja tão imperiosamente sobre o desejo dissidente” (2022, p.21). Como nas Figuras 6 e 7, em que os personagens se encontram ainda uniformizados do trabalho, e, portanto, às escondidas, dentro de uma mata. A natureza se torna um refúgio, um ponto de pegação, um ponto cego da cidade de Catalão, mas vívido e frontal para a espectralidade, tendo seus corpos iluminados, descobertos e integrados à vegetação e ao chão terroso.

Figura 6 e 7 - Pegação escondida?



Filme: Vento Seco, Daniel Nolasco, 2020
Catalão, Goiás.

Encarar o desejo como uma potência política é compreender a imagem e seu papel na produção simbólica da realidade social e cultural, é a partir da experiência estética de ser ao mesmo tempo corpo e seu próprio Eu. O filme constrói imagens de dissenso e desestabiliza padrões formais e típicos associados à comunidade LGBTQIAPN+, cumprindo com uma proposta estética, como por exemplo, o expressar em couro e o desejo viado de uma masculinidade outra, bem como o espaço de não criar intenções que mensuram e localizam os corpos trans presentes em seu elenco. Estudar o corpo cuir no cinema goiano abre questões que nos implicam a investigação da representatividade e da construção de identidades múltiplas, desafiando uma narrativa histórica permeada de estereótipos, preconceitos e identidades rígidas. Segundo o autor Rancière (2005), o dissenso representa uma ruptura no consenso geral, constituindo um conflito acerca daquilo que é considerado um dado hegemônico. Pensando nisso, os corpos cuirs sertanejos - performando suas possibilidades por meio da relação com o território - podem se estabelecer em resistência a insubordinada marca de suas identidades, ao passo que fazem emergir sujeitos políticos que produzem rupturas na paisagem de concordância (Almeida, 2021).

É também na fabulação que se torna possível desafiar as normas determinantes e questionar a ordem dominante, sendo isso uma forma de engajamento, como se a narrativa abrisse espaço para uma reflexão e a possibilidade de imaginar e construir novas realidades, inclusive políticas. Nesse sentido, a fabulação se torna uma prática de emancipação, permitindo que diferentes perspectivas e temporalidades se entrelacem.

Contando com mediações de saberes articulados e perpassados por séculos, por bocas e por corpos resistentes, espera-se que nossas próprias vivências, dentro de nossas cosmo percepções, muitas vezes carregadas de adoecimentos, passe por condutas menos violentas. Por isso, o assunto tratado mobiliza caminhos diários da lida com o corpo, do residir o organismo cotidianamente, perceber, caminhar... tal como elucidada Fernandes (2011), o viver compete a uma elaboração do corpo, como um guardador de memórias, um reencontro após um esquecimento muito longo. Sabendo disso, nos é caro o direito ao desejo que Nolasco apresenta. Por mais que haja uma aproximação

estética com suas outras produções, nesta ficção, o diretor adentra o pós-pornô. Além disso, as ferramentas que escolhe usar em seu filme, integram e permeiam, a sensação de sonhos e fantasias, dentro de uma conjuntura regionalista e interiorana. O que faz com que o personagem principal, Sandro, viva esses afetos em um contexto conflituoso, por haver uma “repressão externa de uma cultura que vigia e pune sexualidades dissidentes” (Marques, 2022).

Derrubando porteiras

Se o corpo é a margem do Eu com o mundo, ele não escaparia à lógica baseada nas relações de dominação e poder. Por consequência, o despojamento da identidade dos povos colonizados carregou junto todas as imagináveis práticas relativas ao corpo. Realocar-se, identificar-se e conceber-se presente na história fazem com que exista a tentativa de repensar o passado que nos foi contado, sem abandoná-lo por completo, manifestando a potência da preservação cultural na formação de identidades e memórias sempre em trânsito, entre costumes e práticas em transformação, como representa o filme. A capacidade de produzir uma composição fabuladora, nas quais múltiplas temporalidades surgem, desviando da explicação consensual do mundo, revela o poder da imaginação e da narrativa como ferramentas de resistência e transformação. Dentro do conjunto de análise, ressalta-se que além do personagem principal, a grande maioria dos personagens e da equipe técnica é composta por sujeitos da comunidade LGBTQIAPN+. Esse gesto nos provoca, faz-nos lembrar que os corpos que constituem a narrativa são corpos mapeados por marcas tão primordiais e ainda tão presentes; corpos atravessados por questões antes não expostas, gestos de uma herança colonizada, corpos de biopoder, de “não-identidade-consigo”, corpo que sempre volta-se contra si mesmo (Preciado, 2018), como é o caso de Sandro, que passa a história toda em uma mistura de desejo e repressão. Compreendendo, afinal, que os aspectos históricos e as transformações que ocorrem a partir das mudanças nas formas de sentir e perceber dessa partilha sensível não só refletem os personagens da obra escolhida, mas como alcança o cinema contemporâneo em sua potencialidade, fazendo-nos atestar que esta tentativa de costura aqui esboçada só é possível por haver incontáveis linhas antes de nós e, pelas muitas que ainda virão, inscritas em forma de tornado, que se desloca em sua condição

espiralar (Martins, 2021). Destacamos, como ponto fundamental da operação analítica, a noção de corpos da cena/corpos em cena, compreendendo a forte relação do território vivido com o território filmico em *Vento Seco*.

REFERÊNCIAS

SARMET, E. “Pós-pornô, dissidência sexual e a situación cuir latino-americana: pontos de partida para o debate”. In: **Revista Periódicus**. Disponível em: <www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/index>, acessado em 11/11/2016>.

ALMEIDA, Gabriela M. R.; MARCONI, Dieison. **Trabalhar imagens, reparar o visível: A política da imagem como prática reparadora**. 2022. FAMECOS, v. 29, p. 1-13. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/41827/27595>

BOGADO, Angelita; ALVES JUNIOR, Francisco; DE SOUZA, Scheilla Franca. Um estudo sobre performance, dispositivos de regulação entre formas de vida e formas de imagem no documentário contemporâneo. In. ALMEIDA, Gabriela; CARDOSO FILHO, Jorge. *Comunicação, estética e política: epistemologias, problemas e pesquisas*. Editora Appris, Curitiba, 2020. p. 265-280.

BOGADO, Angelita; SOUZA, Scheilla Franca de. **Montagem umbigada, um método decolonial de leitura, fabulação e circulação das imagens**. In. Anais do GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0719202211052262d6ba2284b6f>
Acesso: 07/06/2023

FERNANDES, M. H. Corpo. Coleção Clínica Psicanalítica, São Paulo: Casa do Psicólogo, 4ed., 2011.

FREUD, S. A pulsão e seus destinos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 h. v. XIV.

_____. O Mal-Estar na Civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 h. v. XIV.

HOOKS, Bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. Tradução de Renata Balbino. São Paulo-SP: Elefante, 2022.

MANGUEL, A. O espectador comum: a imagem como narrativa. In: **Lendo Imagens**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

MARQUES, H. R. Masculinidades montadas em couro: fantasia e desejo no cinema de Daniel Nolasco. **Cinética: Cinema e Crítica**, 2020. Disponível em: <<http://revistacinetica.com.br/nova/masculinidades-montadas-em-couro-fantasia-e-desejo-no-cinema-de-daniel-nolasco/>>.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de

Janeiro: Cobogó, 2021.

NOLASCO, D. [**Tempo entre as duas formações**]. WhatsApp [Daniel Nolasco Cinema]. 06/09/2022. 12:23. 1 mensagem de WhatsApp.

PRECIADO, P. B. Testo Junkie. **Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. 2.edição. São Paulo: Editora 34/EXO, 2005.